

Banco de olhos*

Luiz Velloso **

...o pioneirismo traduz um anseio ou um arroubo, quando não centelha de um gênio, mas sempre uma claridade. O eco virá depois. Porém, mais vale que exista, para perpetuar-se.

HILTON ROCHA

É frequentíssimo em meio a congressos brasileiros de Oftalmologia assistirmos conferências versando sobre córnea, mas insistindo sempre em técnica operatória, indicação cirúrgica, material usado, etc... Quase nunca na primordial dificuldade para o desenvolvimento desta cirurgia de modo amplo, como desejável no nosso meio. Sem dúvida, a principal dificuldade ou quase única, se constitui na obtenção de córnea doadora, uma vez que, simplesmente retirar globos oculares de indigente, sem cobertura jurídica eficiente, aproxima bastante o médico do constrangimento e mesmo, não atinge as necessidades. As filas de necessitados crescem em proporção geométrica em relação às cirurgias esporádicas realizadas.

Fazer um transplante de córnea é um ato cirúrgico alcançável por qualquer Oftalmologista que queira fazê-lo, entretanto, muito poucos o fazem não por incapacidade técnica, mas por não terem acesso a uma fonte de córneas seguras. A única fonte segura, ética, jurídica e tecnicamente falando, é um BANCO DE OLHOS.

Vivenciando o problema por anos a fio, realizando cirurgias esporádicas em meio a aparato técnico ocioso resolvemos estudar os BANCOS DE OLHOS. Não foi necessário grande aprofundamento para chegarmos à cristalina conclusão "A SOLUÇÃO DEVE ESTAR NO BANCO DE OLHOS".

Os BANCOS existentes no país nos ensinaram, mais como não se deve agir. Para surpresa encontramos numa das capitais do país a existência de 5 (cinco), BANCOS DE OLHOS, nenhum contudo conseguiu informar de seus doadores, nenhum pode dizer como eram seus estatutos e nenhum, quantas cirurgias realizadas.

Numa outra cidade, um BANCO com poucas dezenas de doadores, talvez fundadores, parece acobertar os raros transplantes que o chefe executa com córneas retiradas de indigentes, aos quais só ele tem acesso.

Felizmente São Paulo fazia a exceção. Funcionando à custa de esforço e dedicação do seu diretor, já executa mais de 100 (cem)

cirurgias por ano. Assim, São Paulo se tornou nossa fonte básica de subsídios.

Por outro lado, fora do país, o BANCO de Nova York, chega a fornecer 2.400 (dois mil e quatrocentos) olhos por ano, de doadores. Usando 52% deles para transplantes na sua área de influência, de aproximadamente 20 milhões de habitantes. O restante, usados em aulas de técnica operatória. Quando o recém formado vai fazer sua primeira cirurgia em vivo, ele já fez pelo menos 40 treinamentos em olhos de cadáver, fornecidos pelo BANCO.

Extrapolando estes dados para o nosso meio, considerando Nova York como ideal, São Paulo deveria realizar mais ou menos 600 transplantes por ano, Rio de Janeiro mais ou menos 400, Belo Horizonte mais ou menos 300, Goiânia mais ou menos 60 e assim por diante. Não são números assim assustadores para o número de Oftalmologistas. Se não são atingidos, provavelmente, por haver dispersão de esforços. São BANCOS fundados, ora por grupos, ora por chefes de serviços, geralmente sob orientação reacionária, portanto sem apoio ético defensável. A ética para com a comunidade e para com a Oftalmologia deveria prevalecer sobre qualquer interesse. Qualquer Oftalmologista que inicia sua profissão deve ter a possibilidade de tornar-se um bom cirurgião, e também de córnea e a comunidade tem direito a esta possibilidade, e ainda mais, a Oftalmologia o direito de desenvolver-se.

UM BANCO DE OLHOS PARA A COMUNIDADE

Um BANCO DE OLHOS tem uma finalidade muito importante, é uma sociedade sem fins lucrativos com o objetivo principal de distribuir olhos doados para transplantes de córnea, além de estudos, treinamentos e pesquisa para aperfeiçoamento técnico.

A existência numa comunidade de um BANCO DE OLHOS, desencadeia uma série de efeitos benéficos tanto à população em geral, como para a Oftalmologia.

* Apresentado no IV Simpósio da Associação Paranaense de Oftalmologia — Abril — 1979.

** Médico Oftalmologista — Instituto de Olhos de Goiânia.

A POPULAÇÃO: A Ativação do espírito de fraternidade: A ajuda ao próximo, mesmo supondo que o inverso poderá ocorrer amanhã; A desmistificação de cirurgia ocular e possibilidade de participação; A comprovação pelo leigo das potencialidades de sua própria região.

De forma ética e dentro de padrões científicos informações gerais podem ser passadas a um grande número de cidadãos, abrangendo a classe estudantil, despertando conhecimentos, etc...

Também uma oportunidade para diminuir o sensacionalismo desencadeado pela imprensa, especialmente televisada quando tratando de temas semelhantes.

Finalmente deve ser lembrado o aspecto de medicina preventiva que qualquer movimento desta natureza, pode desencadear, alertando a população quanto a problemas oculares.

A OFTALMOLOGIA é:

- Fator de união da cidade, uma vez que o BANCO pode beneficiar a todos igualmente, com possibilidade de realização própria.
- Fator de aprimoramento técnico-científico pela imposição de metodologia e sistematização.
- Fator de encorajamento, tornando rotineiro o que deve mesmo ser rotineiro.

COMO SE FUNDA

1.º — É fundamental escolher dentro da comunidade algumas personalidades mais ou menos 15 a 20, que gostam de se ligarem a boas atitudes, que tenham estabilidade financeira e que não sejam ligadas a correntes políticas muito declaradas e beligerantes.

2.º — Fazer uma assembléia de fundação do BANCO DE OLHOS com estas personalidades. Nesta assembléia já se elege a diretoria e aprovam-se os estatutos que já são apresentados prontos.

Na eleição da diretoria, toda a assembléia é candidata à presidência em primeiro escrutínio. Os dois mais votados farão constituir uma chapa com os demais cargos: **Algumas particularidades:** o diretor administrativo deve ser capacitado em administração ou contabilidade, o diretor jurídico sempre um advogado.

3.º — Esta diretoria vai registrar a pessoa jurídica do BANCO em junta comercial, cartório, etc...

4.º — Daí para frente aparece a pessoa do diretor técnico, que veio da eleição entre Oftalmologistas do local. O diretor técnico não pode ser escolhido pela assembléia de

leigos e sim pela Associação dos Oftalmologistas da cidade. O motivo é óbvio, se assim não for, a escolha poderá sofrer influência estranha aos interesses da Oftalmologia. Esta eleição constitui também um fator de aglutinação da classe. É esse Oftalmologista que vai, naturalmente, organizar o funcionamento do BANCO, seu material cirúrgico para enucleações, conserva e distribuição dos globos conseguidos.

Naturalmente daí para frente surgirão problemas específicos a cada região. Por exemplo o aproveitamento de olhos doados só é possível a médio prazo, uma vez que teremos que aguardar a morte dos primeiros doadores, e a consequente chamada do BANCO.

No início o BANCO aproveita pouco as primeiras mortes de doadores, em São Paulo mesmo, o aproveitamento ainda gira em torno de 10% só. Espera-se que paulatinamente a população, os familiares se acostumem e façam questão de comunicar. Sendo assim, deve-se aproximar o BANCO, mediante convênio com Hospitais Escola, Santa Casas, etc..., enfim Hospitais maiores, onde pacientes com morte prevista se tornam doadores.

O BANCO DE GOIÂNIA, fez seu primeiro convênio com o Hospital da Faculdade de Medicina, mediante troca de interesses. O BANCO colhe os globos e os distribui aos pacientes indistintamente internos ou não do Hospital, ao Laboratório de Anatomia Patológica e à Cadeira de Oftalmologia para o setor de técnica operatória. A primeira vista fica aparente que o Hospital Escola diluiu sua fonte com a comunidade. Mas acontece que ocorreu o inverso, enquanto o Hospital Escola fazia meia dúzia de transplantes por ano, com o BANCO dobrou a sua atividade. Isto porque o BANCO criou nova motivação, o BANCO criou nova sistemática, ordem e solicitação contínua. Pois bem, prevê-se que quando olhos de doadores de fora do Hospital começarem a chegar para serem usados também nos internos, o relacionamento comunidade-universidade tornará evidente, pujante e crescente.

CUSTOS

Os gastos iniciais de um BANCO DE OLHOS são altos: móveis, refrigeradores, instrumental cirúrgico para enucleações, impressos, etc..., mas podem ser cobertos com a cota de cada sócio fundador.

A manutenção também é alta, mas em Goiânia conseguiu-se oferecimento de casas comerciais, geralmente ligadas ao comércio de ópticas, com cotas mensais, que sustentam as despesas de funcionários, telefone, etc...

Mesmo assim, neste início cada transplante custou ao BANCO aproximadamente cinco mil cruzeiros.

O BANCO DE OLHOS DE GOIANIA, já fez nos seus primeiros 8 meses de funcionamento 20 transplantes e forneceu 2 globos para téécnica operatória dos residentes. Portanto voltando a comparar com o de Nova York, um BANCO do interior inicia funcionando com 50% de eficiência, o que é ótimo e altamente promissor.

Espera-se que o mesmo possa ocorrer no resto do Brasil, com mais acerto e felicidade. Dentro de pouco tempo poder-se-á contar com trocas de informações e interesses.

O BANCO DE OLHOS de São Paulo trazia o pioneirismo e foi a centelha genial cuja clarinada ecoou em GOIANIA, com ligeiras modificações, experimentou alguns avanços e espera em cada cidade importante e cada capital do BRASIL, um só BANCO DE OLHOS para a comunidade.